Universidade de Brasília

Instituto de Artes- IdA
Departamento de Artes Cênicas- CEN

WINNY TRINDADE SILVA

Experiência Docente:

Análise de uma professora iniciante

Brasília, junho de 2015

WINNY TRINDADE SILVA

Experiência Docente:

Análise de uma professora iniciante

Trabalho de Conclusão do Curso de Winny Trindade Silva, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Clarice Costa

Brasília, junho de 2015

MONOGRAFIA APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof(a). M.a. Clarice Costa– Professora Orientadora

Prof(a). M.a.Cyntia Carla Santos – Membro da Banca

Prof.Marcelo Augusto Santana- Membro da Banca

Brasília, junho de 2015

WINNY TRINDADE SILVA

Experiência Docente:

Análise de uma professora iniciante

Dedico ao professor Marcio Vasconcelos, o qual colaborou de forma grandiosa para a minha formação e realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço ao carinho e paciência que me ensinou a possuir. Agradeço ao mostrar-me a necessidade da manutenção do amor pela profissão.

Brasília, junho de 2015

RESUMO:

Essa Monografia de Final de Curso apresenta uma reflexão sobre asimpressões eexperiências vivenciadas por uma jovem docente no Distrito Federal no período entre 2014-2015.Essa reflexão versa sobrea docência, seus obstáculos e a patente incongruência entre o mundo que esperamos e o que confrontamos na docência.

Palavras- chaves: Teatro, Docência, Arte, Ensino Básico

Sumário

1	Apresentação07	
2	Minha Formação Docente	09
3	Prática Docente Como Regente de Turma	16
4	Planejamento da Atividade Cênica	22
5	Análise do Ensino na Universidade	31
6	Considerações Finais	36
7	Referências Bibliográficas	37

APRESENTAÇÃO

Quando o trabalho docente bateu à minha porta eu não me sentia preparada, quando coloquei os pés em minha primeira sala de aula senti a vertigem tomar conta do meu ser, perplexa pela responsabilidade e pelo fascínio que aquela nova posiçãoincitava-me. Como artista, conto essa experiência em forma de poesia, alegria, dores, abraços, desapontamentos e a indelével certeza de trilhar o caminho correto.

O Curso de Artes Cênicas salvou-me de muitas loucuras, entre elas a de renegar as fantasias e os desejos,os sonhos e a imaginação, renunciar a espontaneidade em prol de um pragmatismo solapante. Após, escolher cursar Artes Cênicas, lidei com a escolha entre licenciatura ou bacharelado, ora,é de conhecimento geral, a luta e a dificuldade que um artista tem para se manter. Ideias sobre conhecer o gosto do desemprego, sobre uma vida marcada pelo insucesso e pela frustração ululavam em minha mente, resolvi por bem, focar-me na licenciatura. Fazer-me professora, uma estável e sempre necessária profissãolonge de qualquer desespero, mal sabia eu que desespero é um sentimento que está ligado a diversas formas de viver e ser, e é, na maioria das vezes, consequência direta de decisões impensadas e não de dificuldades cotidianas.

Por mais que houvesse matérias no curso de graduação específicas para a prática docente e mesmo com a participação de cinco semestres no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBIDteatro, quando me vi em sala de aula não me senti preparada

Desse modo, nesse Trabalho de Conclusão de Curso procuro refletir sobre os percursos vivenciados por mim, as motivações que me encaminharam para a vida docente, a minha primeira experiência como professora e as metodologias que utilizei nessa trajetória.

Esse trabalho está organizado da seguinte forma: Em Minha Formação Docente: discorro sobrea experiência nos anos de participação no Projeto Alfa e no Programa de Iniciação à Docência- PIBIDteatro. Em Prática Docente Como Regente de Turma, é o relato da minha primeira prática docente. Em Planejamento da Atividade Cênica, apresento as aulas de teatro organizadas por mim e aplicadas para as turmas do Ensino Fundamental II. Em Análise, fiz uma reflexão de todo o

processo de ensino e a prática que vivenciei ao longo dos anos da faculdade e dos meses como professora regente. Em Considerações Finais concluo essa Monografia de Final de Curso.

Odiálogo aqui estabelecido é com os seguintes teóricos Johan Huizinga (2000), Jorge Larrosa (2002), Maria Abadia da Silva (2003), Elizeu Clementinode Souza (2006), Viola Spolin (1997), José Bueno (2001), Dalila Oliveira (2007), Cecília (ano) e Ilma Veiga (2003).(somente quem está citado no texto. Colocar cecília)

O Objetivo Geral desse trabalho é refletir e analisar a minha experiência como professora do ensino básico à luz dos referenciais teóricos selecionados, analisando os percalços, as revelações e o cotidiano docente.

Desse modo, são objetivos específicos da Monografia de Final de Curso:

a) analisar meu trabalho no Projeto Alfa e a minha participação no PIBIDteatro como norteadoras da minha formação docente;

b) analisar a minha prática docente como professora regente em uma escola darede particular de ensino à luz do referencial teórico.

I MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

Nessa seçãodiscorro sobre doisepisódios significativos na minha formação docente, o Projeto Alfa e a minha estadia no Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência – PIBID. No Projeto Alfa[1], coordenado pela professora Fabiana Marroni, no qual encenávamos diversas formas e manifestações em que o amor pode surgir e, posteriormente, conduzia-se uma roda de conversa com o público.Nesse caso, alunos do Segundo Ciclo do Ensino Fundamental de diversas escolas darede pública do Distrito Federal. [2] Ao abordar o tema transversal Sexualidade, o Projeto Alfa, tinha como objetivo acrescentar o pensamento à cerca da diversidade sexual na formação da cidadania dos adolescentes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais dissertam sobre a importância de se trabalhar temas como esse na escola:

> O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo. (BRASIL, PCN- Temas Transversais,1998,p. 17).

Nessas conversas, temas como o amor entre pessoas do mesmo sexo e um amor tão forte que é capaz de causar a morte eram trazidos aos alunos.Nas rodas de conversa que se seguiam,traduziam-se tanto em uma forma de avaliar o nosso trabalho, como emum mecanismo paradiscutir sobre os preconceitos, conceitos e noções do público acerca do tema.

O Projeto Alfa contou com a participação de nove alunos, os quais interpretavam diversos personagens no decorrer da peça, a qual era formada por 12 cenas breves trabalhadas de forma leve na abordagem de situações complexas, envolvido a comicidade e dramaticidade. No decorrer doprojeto houve a aplicação de uma oficina de teatro para uma escola de ensino fundamental em Planaltina - DF. A concepção e preparação para tal foi observada de perto pela professora Fabiana Marroni. A oficina foi aplicadaposteriormente à apresentação do Loucuras de Amor.

---

[1] Projeto Alfa-concepção do espetáculo infanto-juvenil Loucuras de Amor cujo público alvo era alunos do fundamental II de escolas públicas do Distrito Federal. Permanência de 2011- 2012.

[2] Projeto Alfa com parceria do Programa Idas e Vindas, o qual alunos de diversas escolas da rede pública do Distrito Federal visitavam a Universidade de Brasília.

Após as apresentações ocorriam as rodas de conversas sobre a peça e o tema proposto, incluindo o relacionamento homossexual, o abandono, a traição e a separação. Nas rodas, os alunos possuíam a liberdade de expressar suas opiniões e considerações. Cecília Warschauer (2004) discorre sobre a importância da interação e união do grupo a partir das rodas de conversa em sala de aula, como atividade diária no ensino básico.

> Geralmente com duração de 15 minutos, os encontros diários na Roda ajudaram a construir um clima positivo de trabalho na classe, participativo e permeado pela busca de respeito às diferenças individuais, num clima de inter-ajuda. (WARSCHAUER, 2004, p.2)

Ao apresentarmos diferentes formas de pensamento, ao mesmo tempo que, possibilitamos as interações interpessoais por meio das rodas de conversa, foi viabilizado a mediação e a convivência de pensamentos e comportamentos diversos. Foi interessante observar que a maioria estava a favor dos relacionamentos homossexuais e perdoariam se houvesse traição por parte do parceiro. A partir das rodas de conversas podíamos avaliar nosso trabalho, enquanto o aluno poderia expor a sua experiência vivenciada por meio da apresentação assistida.

Em 2012, entrei para o PIBIDteatro, coordenado pela professora Clarice Costa, tendo a minha prática docente na Escola Parque,supervisionado pelo professor regente Márcio Vasconcelos. Tive a oportunidade de, nesses dois anos, participar de reuniões pedagógicas ecompartilhar experiências juntamente com o professor Vasconcelos. Assim, vislumbrei muitos caminhos na educação: comomomentos de gratificação, as dificuldades e anecessária força de vontade para enfrentaro dia-a-dia. Dessa experiência, na escola parque, pareceu-me que prática docente requer mais do que uma boa formação acadêmica, e comprometimento pessoal. Ela também mobiliza uma disponibilidade subjetiva. SegundoElizeu Clementino de Souza (2006),a prática docente perpassa pela história de vida do docente, pelas vivencias significativas, tanto no âmbito do conhecimento como nas instâncias da subjetividade:

> A utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. (SOUZA, 2006,p. 27).

Como professora em formação compreendia necessidade de refletir sobre a minha própria vivência escolar. Pois, por um lado, sempre temi tornar-me uma professora padrão, um retrato do escárnio e do descaso que acometem a educação historicamente. Por outro lado, as exigências do mundo do trabalho e do cotidiano escolar diferem das minhas aprendizagens universitárias. Havendo uma dicotomia entre o empírico e o teórico. Daí, a importância de reflexões sobre as vivências que os docentes têm em relação à educação tanto àquela que ele vivenciou como aluno e posteriormente como professor. Uma vez que as ponderações podem mediar essa separação entre o pensar e o fazer. Visto que, os professores que foram submetidos a um sistema de educação rígido, tendem a reproduzir as mesmas práticas severas a que foram subjulgados. Todavia, a análise e a reflexão da história de vidas e de métodos podem fomentar novos procedimentos e ações.

Nesse sentido, o PIBIDteatro cumpre o seu objetivo de formar docentes mais qualificados. Estar no PIBIDteatro, elevou-me intelectualmente. Li e debati os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nosso dia-a-dia escolar. Poder acompanhar a rotina da Escola Parque foi animador. Conhecer uma estrutura escolar completamente nova para mim, reconhecida por sua qualidade e pioneirismoacrescentou-me uma nova forma de ver a educação brasileira.

A primeira Escola Parque foi fundada, em 1950, na Bahia, idealizada pelo professor Anísio Teixeira. As Escolas Parques funcionam como um complemento curricular ao ensino nas Escolas Classes, oferecendo matérias de Artes Visuais, Música, Educação Física e Teatro.

A Escola Parqueé um exemplo de bom ensino público brasileiro, possui recursos e apoios pedagógicos que são disponibilizados aos docentes. Nessa escola, o trabalho pedagógico-artístico é feito em trios de professores de linguagens artísticas diferentes (teatro, música e visuais) juntamente com a educação física.

Essa organização escolar está explicita no Projeto Político Pedagógico(P.P.P.) da escola. Esclarecendo a todos a forma de trabalho desenvolvido nessa unidade escolar. Segundo IlmaVeiga (2003), o P.P.P. deve ser construído,levando em consideração os professores, o desenvolvimento das habilidades dos alunos e operfil do alunato. Focando principalmente no trabalho da equipe pedagógica, na suafunção e nos suporte que esta pode ocasionar aos professores. Outro aspecto importante do P.P.P. são as estratégias para se chegar aos objetivos desejados,além de se pautar por documentos oficiais como os PCNs e as Orientações Curriculares do Ensino Fundamental, assimpode ser observado no P.P.P. da escola parque de 2013:

> A Organização Pedagógica da Escola Parque se dá em consonância com as Orientações Curriculares do Ensino Fundamental (Séries Iniciais e Finais) da SEDF, e com o Regimento Escolar da SEDF no que diz respeito aos Componentes Curriculares Arte e Educação Física e às Escolas Parque em particular.De acordo com o Artigo 276 do Regimento Escolar, o regime de ensino adotado nas Escolas Parque é anual e pode ser desenvolvido por meio de suas aulas. Ainda de acordo com o Regimento Escolar, Artigo 278, as Escolas Parque seguem as Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, com metodologias específicas das linguagens, definidas na sua Proposta Pedagógica. (GDF, Escola Parque, 2013).

Como pondera Veiga, o Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) é um instrumento dinâmico que reflete também as contradições da unidade escolar, pois foi elaborado pelos atores sociais que ali convivem, devendo estar sempre em discussão e reformulação. Desse modo, também observei professores desanimados e frustrados em muitos momentos, pois a burocracia escolar, as dificuldades das relações interpessoais e as turmas lotadas minavam a disposição dos docentes.

Durante a o meu aprendizado com o professor Márcio Vasconcelos, pude observar como ele prezava o elemento lúdico como mecanismo educacional, vendo-o como um veículo facilitador da relação docente/discente e utilizando-o como um dos principais instrumentos de acesso comunicacional, trazendo assim o conhecimento e o conteúdo através do teatro e de sua diversão educacional.

Desse modo, vi os alunos envolvendo-se de forma verdadeira, dedicando-se em algo que acreditavam e confiavam. Creio que o lúdico na função educacional, demonstrou-se umacondução metodológica efetiva para as aulas, provando sua

eficácia, desde que sejam criados procedimentos capazes de dar vitalidade ao conhecimento que se pretende passar e que ao mesmo tempo se liguem às vontades e interesses dos alunos, conforme destaca Johan Huizinga,*o lúdico precisa estar conectado com a espontaneidade, e despreocupação.*(HUIZINGA, 2000, p.141).Portanto, o PCN - Arte especifica:

> É papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza. (BRASIL, PCN - Arte, 1998, p.31).

De certa forma, o professor Márcio Vasconcelos consegue aproximar-se do que propõem a documentação da educação básica.Todavia, para os professores novatos é difícil construir tais situações educacionais. Não é necessária uma vasta experiência educacional para perceber que existe uma boa distância entre as promessas de nossa legislação educacional e a realidade prática de nossa educação.

Com o PIBIDteatro, tive o meu primeiro contato docente em formato de sala de aula com os alunos e o ambiente escolar. Foi quando observei a alta aproximação que um professor de teatro na Escola Parque mantém com os alunos, e como esse fator se constituí no principal diferencial da disciplina. As turmas unem-se, ajudam-se, abrem-se entre si, expõem as suas dificuldades e ambições como humanos. O professor de teatro é o mediador das experiências e precisa saber controlar e guiar as turmas. Conforme indicao PCN-Arte: o olhar observador do professor serve como um instrumento para acompanhar e avaliar o aluno que deve *posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas*(BRASIL, PCN - Arte, 1998, p.7). Nesse sentido, o PIBIDteatro e o Projeto Alfa aproximam-se.

O Projeto Alfa foi o meu primeiro contato na escola como licencianda, a partir das rodas de conversas e da oficina ministrada. Foi a primeira vez que pude vivenciar a escola através da mediação artística.

No PIBIDteatro, ao observar as aulas, os ensaios, as coordenações econversas com pais, pude vivenciar o cotidiano escolar em uma escola modelo

quando se trata de organização e apoio escolar. Nesta etapa do curso, observei a aplicação dos jogos teatrais e da dinâmica com os alunos, aprendi sobre as faixas etárias e os jogos apropriados para cada seriação. Tais experiências colaboraram para a escolha de tornar-me professora, acrescentando também nesse processo a formação da personalidade docente.

II PRÁTICA DOCENTE COMO REGENTE DE TURMA

No ano 2014, fui convidada a assumir uma vaga para substituir o professor de Arte em um Centro de Ensino do Sistema S[3].Com o total de nove turmas de Ensino Fundamental IIdistribuídas em três sextos (11 anos), dois sétimos (12 anos), dois oitavos (13 anos) e dois nonos (14 anos). Pela primeira vez, eu seria a professora de Arte, a responsável por todas as etapas da atividade docente, da concepção das aulas à sua aplicação. Inicialmente, o que seria por 3 meses, substituindo um professor terminou por se estender por todo o ano letivo.

Quando iniciei no Centro de Ensino do Sistema S,recebi instruções severas para seguir o planejamento anual do professor anterior. Pensando que as turmas estariam com os conteúdos atualizados, de acordo, com o planejamento, preparei-me para prosseguir com os temas.A orientação recebida foi de que era preciso acelerar com os exercícios, pois os alunos possuíam uma meta a ser alcançada. Ao final do ano, e com uma quantidade exorbitante de notas abaixo da média, peguei-me avaliando a mim mesma como professora. E entendo, hoje, que o erro foi não ter diagnosticado anteriormente os alunos para compreender a base teórica que tinham. Dessa forma, fiquei sem um planejamento de aula que me apoiasse.

Seguindo o recorte curricular que o professor anterior havia organizado, precisei estudar para poder ministrar as aulas. Nada fora do comum, e a primeira de muitas dificuldades seria a condução dos alunos. Sufocada por prazos epelosconteúdos que ficaram acumulados entre a saída do professor e a minha contratação, tive de recorrer à aplicação de trabalhos para a composição da nota final. Ainda no primeiro mês, eu percebi que pouco apoio eu receberiadas equipes pedagógica e disciplinar do colégio. Para Dalila Oliveira (2004) o trabalho docente deve estar atrelado à dinâmica da escola, pois:

> O trabalho docente não é definido apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação. (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

[3]Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest).

Não foi encaminhado a mim o Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) da escola, também soube que os professores mais antigos não possuíam conhecimento de tal documento. Por cerca de um mês, não tive qualquer contato com nenhum membro da direção escolar, ficando restrita a interação com a coordenadora pedagógica. A organização pedagógico-administrativa dessa unidade escolar dificultou muito o meu trabalho em sala de aula. Nesse sentido, ainda esclarece Oliveira:

> o trabalhador que perde o controle sobre o processo de trabalho, perde a noção de integridade do processo, passando a executar apenas uma parte, alienando-se da concepção. (OLIVEIRA, 2004, p.1134).

Sem um suporte pedagógico-administrativo, vindo da direção escolar, vi-me constrangida a tomar uma postura rígida no enfrentamento das dificuldades disciplinares com os alunos. A minha pouca idade e igual experiência provocaram suspeitas e dúvidas sobre a minha capacidade como docente. Por isso, assumi naquele momento, uma postura de rigidez e de firmeza. As primeiras aulas necessitaram de cortes e de voz firme, além de punições severas, discordantes com os meus princípios pedagógicos. Entretanto, essa estratégia mostrou-se funcional, e o meu relacionamento com os alunos tornou-se, surpreendentemente, melhor no decorrer do ano.

Outro aspecto complicador foi o desinteresse dos alunos. Muitos trabalhos eram idênticos entre si, outros copiados da internet, uns incompletos e alguns ilegíveis. Percebi, que a Arte como disciplina, na visão dos alunos, de pais e de muitos professores encontra-se escalonada como secundária, relegada a um plano do conhecimento periférico, quiçá, inútil.

Nesse primeiro momento de docência esbarrei em muitas barreiras: turmas volumosas; pouco tempo e desvalorização das aulas de arte; alunos desinteressados ou em crises pessoaisou ainda indisciplinados; pais ausentes e exigentes com a escola e com os professores. Como ainda, euter de ministrar conteúdos sobre os quais não tinha domínio e tampouco a minha Universidade se ocupara em me ensinar, aliás, muitos conhecimentos acadêmicos se mostraram inúteis na realidade prática.

Mesmo sendo difícil tanto nos aspectos pessoal e profissional essa experiência proporcionou-me um desenvolvimento intelectual e emocional. Conforme Jorge Larrosa (2012), a experiência somente surge quando saímos do

conforto e somos obrigados a nos reestruturar. Sobre isso, pode-se considerar que a busca pelo conhecimento e ao mesmo tempo pelo conforto e o equilíbrio, durante o período universitário, nos impede de viver experiências, sendo estas vividas quando a sala de aula nos obriga a nos tornar professores independentes. Esse desejo de possuir o máximo de experiência possível sem nos entregar completamente causa a sensação de uma falsa experiência, quando estamos na prática de sala de aula.

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.9).

O entendimento de que a experiência é aquilo que nos perpassa e nos redireciona na vida, fez-me ponderar e continuar no meu fazer pedagógico apesar das dificuldades e pensar que a escola também deve ultrapassar desventuras cotidianas. Para José Bueno (2001) a escola deve buscar crescer com as adversidades, ao invés de ignorá-las como meio mais simples de resolvê-las.

> Embora deva ficar claro que as políticas educacionais restringem o alcance das ações das escolas, uma unidade escolar efetivamente comprometida com a elevação da sua qualidade pode buscar, na adversidade das condições, atingir crescentemente, paulatinamente, controladamente e supervisionar as suas finalidades. (BUENO, 2001, p.7).

Nos dois anos e meio que participei do PIBIDteatro, aprendi na teoria o que é ser professor, como um professor deve agir, como devemos ser perante nós mesmos. No tempo em que trabalhei como professora,dessa unidade de ensino do Sistema S,aprendi na prática o que essa teoria significa, os contratempos, as obrigações, as crises vindas dos alunos,da equipe pedagógica e de mim. A falta de conhecimento sobre o P.P.P. da escola e a desorganização do trabalho pedagógico refletiram negativamente nesse período de formação da minha identidade como docente, nesse instante, sentia-me incapacitada para enfrentar o cotidiano escolar com todas as suas falhas e obstáculos que antes não havia presenciado na Escola Parque. Porém, sempre há uma luz no fim do túnel.

III PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE CÊNICA

> Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as experiências e representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana.
>
> PCN - Arte.

Nessa primeira experiência como professora, foi-me imposto os projetos e planejamentos de outro professor. Por ser inexperiente, aceitei, sem ao menos avaliar os alunos e seus níveis de aprendizado. Além dos conteúdos, era preciso concluir o livro didático, cujo, o recorte de conteúdo não possuía conexão com o do planejamento do professor anterior, de modo que o trabalho se tornou complexo e confuso, principalmente para os alunos. Hoje, vejo o quanto me sobrecarreguei, além, de superestimar os alunos, com o objetivo de cumprir as metas deixadas pelo professor anterior.

Apresentarei um comparativo entre o planejamento do professor anterior e o que preparei, na escola, nesse ano de 2015, que tive a total liberdade para planejá-lo, inclusive a diagnose da turma foi feita previamente. Segue o planejamento mensal de setembro/2014,criado a partir do recorte de conteúdo estabelecido pelo professor anterior, observa-se que tanto o recorte de conteúdo quanto os objetivos são extensos, não adequados a faixa etária e ao nível de aprendizado dos alunos.

No planejamento é possível observar que o conteúdo deve ser aplicado em 1 semana, ou seja, em duas aulas de 45 min. A semana seguinte está destinada a revisão para as provas, sendo que a próxima semana se inicia a semana de provas. Percebe-se também, que o professor não utiliza nenhum outro recurso além do quadro branco e do livro didático, tornando limitadas as possibilidades de se trabalhar os conteúdos.

PLANEJAMENTO MENSAL

COMPONENTE CURRICULAR: Artes

PROFESSOR (A): Winny Trindade (Conteúdo elaborado pelo professor anterior)

CICLO / PERÍODO / TURMA: 2/3 A e B (6º ano A e B)

PERÍODO: de 24/08 à 24/09.

2º TRIMESTRE: Setembro

OBJETIVO:

• Introduzir o aluno no universo da Arte.

• Refletir sobre a origem da arte.

• Estimular, debater e refletir sobre os conceitos da Arte, de obra de arte, funções da arte e do que é ser artista.

• Localizar os estilos e movimentos da história da Arte e suas dimensões espaciais.

• Estimular, refletir e discutir a valorização da preservação do Patrimônio Histórico da Humanidade.

• Desenvolver uma atitude de curiosidade, reflexão e crítica frente ao conhecimento e à interpretação da realidade.

• Avaliar, examinar, discutir e medir os conhecimentos adquiridos por meio dos exercícios conceituais e procedimentaisdo livro.

AVALIAÇÃO:

- Atividades de sala
- Exercícios para casa no caderno e ou livro.
- Trabalho em grupo.

DATA	O QUÊ TRABALHAR?	COMO?	RECURSOS?	AVALIAÇÃO?	RECUPERAÇÃO?
25/08 a 29/09	Arte em Roma (2/3)	Os alunos poderão visualizar as obras e junto analisaremos seus aspectos e características	Quadro brancoe material de apoio.	Exercício em sala. Participação e interação do aluno.	

01/09 a 05/09	Arte em Roma (2/3)	Revisar o conteúdo antecedente à semana de provas.	Quadro branco e lista de exercício.	Interação do aluno.	
08/09 à 12/09	Arte em Roma (2/3)	Semana de provas. Continuação da lista de exercícios.	Quadro branco	Nota final da avaliação e participação em sala.	
15/09 à 19/09	Arte em Roma (2/3)	Correção das provas junto com a turma. Atividades com o livro didático.	Quadro branco e livro didático	Participação em sala.	

Na escola há um desdobramento do componente curricular Arte, tendo assim quatro professores: música, plásticas, dança e teatro. Esse ano de 2015 fui deslocada para ministrar as aulas de teatro, assim outras problemáticas entraram em foco. Para o aluno que está iniciando a experiência teatral, trabalhar com um grupo dá segurança, por um lado. Por outro lado, representa uma ameaça. Segundo Viola Spolin: *Uma vez que a participação numa atividade teatral é confundida por muitos com exibicionismo, e, portanto, com o medo de se expor*(SPOLIN, 2010, p.9).

Nas escolas é preciso sempre escolher formas que o aluno se sinta menos exposto, por exemplo, em um jogo é preciso uma pequena demonstração individual das ações para que a turma seja divida em duplas ou em trios. Assim, o jogo pode ser aplicado, o objetivo pode ser cumprido e os alunos não sentem a exposição de forma negativa e sim necessária.

> A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação,

> nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. O mais simples raciocínio nos indica que a natureza poderia igualmente ter oferecido a suas criaturas todas essas úteis funções de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação de desejos insatisfeitos etc., sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicos. Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo. (HUIZINGA, 2000,p.6).

Nesse primeiro momento, os alunos estão descobrindo os jogos, as brincadeiras, a capacidade de imaginar e de jogar em grupo. Mesmo que cada aluno interprete de um modo o momento, são essas interpretações e sugestões que vão enriquecendo os jogos.Os alunos vão se abrindo para o teatro e dando uma chance para que todos possam participar de alguma forma dentro do jogo e do processo de criação. Cada aula é continuação da próxima e a anterior tem uma importância para a posterior. Porém, há turmas que no exercício introdutório o objetivo não é cumprido de forma satisfatória, porém no jogo seguinte o objetivo é cumprido rapidamente.

Foi como forma de proteção e esperando que os alunos não se sentissem expostos que o trabalho com dedoches veio a ser desenvolvido. Os alunos dos sextos anos possuem ainda uma ligação forte com o Fundamental I, e foi observando as brincadeiras que os alunos desenvolviam nos momentos de intervalo, que a utilização dos dedoches surgiu. Houve uma grande aceitação por parte dos alunos, que criaram e apresentaram as próprias histórias e dedoches.

Percebe-se uma imensa diferença ao criar um planejamento que tem um conhecimento da turma, do andamento, do processo de aprendizagem que está sendo realizado. Conhecer a diagnose da turma traz uma efetiva produtividade à cerca do conteúdo e objetivos.

No meu planejamento, trabalho com a Abordagem Triangular que está presente no PCN - Arte, o qual consiste em: apreciação, teoria e prática.

> Entre as várias propostas disseminadas no Brasil, na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que se têm afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria da aprendizagem e do ensino de arte. Trata-se das tendências que estabelecem as relações entre a educação estética e a educação artística dos alunos. É uma educação estética que não propõe apenas o código hegemônico, mas também a apreciação de cânones de valores de múltiplas culturas, do meio ambiente imediato e do cotidiano. Encontra-se 29 ainda difundida no país a abordagem para o ensino da arte que postula a

> necessidade da apreciação da obra de arte, da história e do fazer artístico associados. (Brasil, 1998, p.28-29)

Nesse ano, num primeiro momento, os alunos assistiram a um espetáculo com o tema Circo. Em seguida, houve a aplicação da teoria sobre a história do Circo e do Clown. Finalizando esse conteúdo, os alunos criaram histórias relacionadas ao universo circense e confeccionaram dedoches das personagens. Além da socialização e apresentação entre si.

Segue o planejamento quinzenal do Sexto ano do fundamental II, referente ao mês de Abril/2015:

PLANEJAMENTO QUINZENAL- Abril

COMPONENTE CURRICULAR: Teatro

PROFESSOR (A): Winny Trindade Silva.

CICLO / PERÍODO / TURMA: 2º ciclo 3º período A e B (6ºano A e B)

TRIMESTRE: 1º					
OBJETIVO:Refletir sobre o teatro a partir da Arte Circense.					
AVALIAÇÃO: debates sobre as diversas modalidades inclusas no Circo.					
DATA	O QUÊ TRABALHAR	COMO	RECURSOS	AVALIAÇÃO	RECUPERA-ÇÃO

13/ 04 A 17/04	Circo	Reflexão: "A história do circo" Analisar o Circo de forma teórica.	Textos	Analisar as respostas dadas.	Não possui.
20/04 A 24/04	Circo- Clowns	Reflexão: A Importância do palhaço no Circo e diversos seguimentos. Criação de palhaços.	Textos	Analisar as respostas dadas.	Não possui.

Mesmo com os eventos escolares que nos fazem estagnar o conteúdo até as finalizações, o cronograma segue em andamento. Por conhecer as turmas e meus objetivos, tenho uma liberdade maior para reorganizar o cronograma de acordo com as necessidades dos alunos ou do calendário. Hoje, sei que o importante é o conhecimento adquirido e abstraído pelo aluno e não, apenas, o cumprimento de conteúdos aplicados.

Para mim, ainda é um aprendizado toda vez que a turma cumpre ou não os objetivos da aula. No entanto, a surpresa maior foi vivenciar uma turma de sétimo ano, que a evolução durante as aulas acorria lentamente. Ao ser aplicado o jogo da História em 3 Vias, encontrado no fichário da Viola Spolin, pude ver o quanto eram criativos na criação das histórias.

Desse modo, na aula subsequente foi proposto o seguintejogo: enquanto eu narrava uma história eles iriam imaginando e representando. A história narrada por mim teve continuidade durante algumas aulas, sendo que alguns alunos iriam sugerindo continuações a serem representadas por eles.Inclusive explorando outros

ambientes da escola, como pátios, escadas e corredores. Com isso, os alunos trabalharam imaginação, atenção, trabalho em grupo, criatividade e foco.

A possibilidade de ensinar uma atividade espontânea a qual o aprendizado é transmitido através de jogos, podegerar algum transtorno pelo caráter de se diferenciar do modo tradicional de ensino, o qual alunos não conseguem entender a utilidadeda imaginação no aprendizado, considerando como “coisa de louco”. Percebe-se a semelhança entre professor e Artista Cênico: é preciso fazer escolhas e arriscar.

No ensino básico, o desafio é ativar a disponibilidade do aluno para a experiência, e a partir daí tornar o ambiente propício para a experimentação. Percebo que nas turmas do ensino fundamental II, sétimos a nonos anos, a ausência de liberdade pessoal interfere de forma considerável na execução dos jogos.Diferentemente das turmas de sextos anos, que se encontram disponíveis para imaginar e jogar.

Para Viola Spolin, *O primeiro passo para jogar é sentir liberdade pessoal. Antes de jogar, devemos estar livres*.(SPOLIN, 2010). Nessas idades, os alunos carregam uma preocupação exagerada sobre o pensamento do outro sobre ele e sobre seu lugar no grupo. O receio de que suas ações se tornem vergonhosas perante os colegas o impedem de estarem abertos para propostas e para os jogos.

> Tanto a "pessoa média" quanto a "talentosa" podem ser ensinadas a atuar no palco quando o processo de ensino é orientado no sentido de tornar as técnicas teatrais tão intuitivas que sejam apropriadas pelo aluno. É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experienciar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer. (SPOLIN, 2010, p.4).

Segundo Viola Spolin,o talento é essa disponibilidade do sujeito para experimentar, para jogar e imaginar.

Como professora, sinto a dificuldade em fazê-los crer que são criativos. Tornar o ambiente escolar propício para a experimentação não é tarefa fácil para o professor. A escola carrega em si a ideia de ser um ambiente repressor, no qual o aluno está forçado, o qual a ludicidade perdeu espaço para os vestibulares e a tentativa de um futuro promissor. Transformar esse lugar e aproximar o aluno da imaginação e do teatro é meuprincipal objetivo.

Os professores da equipe do componente curricular Arte, incluindo a mim, temos que enfrentar ainda uma luta contra a falta do tempo hábil na grande horária e as demandas que surgem de forma crescente. Somos encarregados das apresentações em datas comemorativas, entretanto não podemos esquecer que há um planejamento quinzenal a ser cumprido. Conciliar as aulas no período vespertino- quando temos a grade horária preenchida os 5 dias da semana- e poder apenas utilizar esse mesmo período para as montagens e os ensaios das apresentações tem sido desafiador para todos nós.

Pelo exposto, ficou evidenciado que é fundamental que o professor regente faça a diagnose da turma para ter o perfil de seus alunos para então planejar as suas aulas, além de lidar com os percalços e imprevistos que surgem no decorrer do período letivo

.

IV ANÁLISE

Somente quando comecei a lecionar, percebi a diferença entre o Projeto Alfa e oPIBIDteatro, atividades de formação na UnBe a realidade de um professorinteragindo todos os dias na sala de aula e na escola. Esses dois projetos foram fundamentais na minha formação como professora, pois neles tive o embasamento teórico, prático e a articulação em ambiente escolar.

Na primeira unidade de ensino na qual trabalhei,o Projeto Político Pedagógico não era acessívelaos professores, tampouco,esses participaram do processo de sua criação. A deficiênciada organização do trabalho pedagógico ficou clara ao se perceber a desassociação de ações advindas da equipe pedagógica e dos docentes. Pois, o Projeto Político Pedagógicoé um meio de engajamento coletivo para integrar ações dispersas, para criar sinergias no sentido de buscar soluções para os diferentes momentos do trabalho pedagógico-administrativo. Como ainda, para desenvolver o sentimento de pertença, além de mobilizar os protagonistas para a explicitação de objetivos comuns *definindo o norte das ações a serem desencadeadas, fortalecer a construção de uma coerência comum, mas indispensável, para que a ação coletiva produza seus efeitos.* (Veiga,2003, p.275).

A ausência do projeto pedagógico foi sentida por mim nos momentos de dúvidas e situações inesperadas. Este foi um dificultador que foi progressivamente superado, a partir da busca de um repertório e de estratégias que adquiri no período de Universidade. Pois, tive a oportunidade de ter uma formação completa no quesito licenciatura, e é nesta formação que busco apoio quando necessário. Desse modo, os percalços apresentados na minha experiência docente foram advindos mais do cotidiano escolar do que delacunas de minha formação acadêmica.

Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionaisafirmarem que o professor de Arte desenvolve conteúdos. Ainda, existe a concepção de que é obrigação dos professores de arte promover os eventos escolares.Burocraticamente, a escola se organiza pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas na dinâmica interpessoal esta organização se perde.

Como professora, houve uma pressão emocional que aos poucos pude superar, conseguindo organizar e separar as responsabilidades entre escola e família. Assim, como Elizeu Clementino Souza fala da importância da utilização da

história de vida, utilizo a Arte como meio para que o aluno se expresse, extravase as angústias, a partir daí poupo-me de absorver dores que não são de minha competência e, ao mesmo tempo, possibilito que o aluno se sinta acolhido e beneficiado.

> As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si. (SOUZA, 2006, p. 25)

Aqui estou narrando minhas experiências em um colégio particular, nos quais sempre imaginamos que teremos excelentes condições de trabalho. Fazendo um comparativo com a Escola Parque, que apesar de ser de ensino público possui uma estrutura ímpar e um apoio consolidado aos professores.

A escola não é apenas para os alunos, é também para os professores e servidores os quais estão lá para aprender a viver juntos. Ser professor é mais do que alguns dias na semana com a turma, é saber ler a turma e se adaptar as necessidades e níveis que a turma se encontra, é buscar caminhos e novas formas para envolver todos os alunos em um único propósito.

Sempre ouvi o papel do professor como poesia, entretanto antes das rimas, suor foi derrabado e paciência foi gasta e apesar de todo o cansaço a gente sente que é um dom, é vocação. Hoje sei que estou onde deveria estar: educando. Porque na verdade, teatro é sonho, e sonhar é o que nos traz força e coragem para seguir em frente.

Às vezes, as pessoas não acham que seja preciso mais amadurecimento, mas há sempre algo a mais para se aprender e evoluir. Lecionarensinou-me que ser professor é trocar experiências, assim como em um jogo de improviso, é preciso estar aberto às propostas vindas dos outros participantes do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cresci em uma família de professores, sendo que meus pais e tias me influenciaram desde cedo a adentrar no universo escolar. A escolha de me tornar professora seria apenas uma questão de tempo. Na universidade, participei de dois projetos que foram de extrema importância para minha identidade docente: o Projeto Alfa e o PIBIDteatro, ambos voltados para a formação docente.

O processo de formação da minha identidade docente permeou a elaboração desse Trabalho de Final de Curso, a partir das influências e impressões vividaspor meio do meu convívio familiar, os projetos Alfa e PIBIDteatro e a primeira experiência como professora regente. Busquei equilibrar as expectativas e a realidade nessa identidade profissional e pessoal que é o realizar- me professora.

Em um primeiro momento, tive certeza do ambiente escolar no qual estava prestes a me envolver, porém, entrar em uma sala de aula, frente-à-frente com 40 alunos, emergiu-me em outra realidade completamente diferente. A visão de pais, alunos e professores são expostas aqui de forma clara e sem máscaras. Afinal, foram essas as posturas que precisei adotar ante a necessidade de enfrentar as utopias que se ocultam e se desvelam durante esse início conturbado, desafiador, mas acima de tudo surpreendente.

Malgrado, as onerosas dificuldades iniciais e as diversas lágrimas derramadas nesse interim, a docência tende a se mostrar encantadora, fascinante e, sobretudo, transformadora se tida com carinho, dedicação e paciência constantes. Minha identidade como professora passou por transformações e a cada nova situação de aprendizado ela se molda novamente, acrescentando-me experiência e tornando-me cada vez mais envolvida com o ensinar.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

__HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.**Perspectiva. 4ª edição. São Paulo- SP, 2000.

__PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação- Teoria e Prática.** Vozes: Petrópolis, 2010.

__SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo, SP, Perspectiva, 1997.

PERIÓDICOS:

__BUENO, José Geraldo Silveira. **Função Social da Escola e Organização do Trabalho Pedagógico.** Editora UFPR, Educar, Curitiba, n.17, p.101-110. 2001

__LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência.**Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001.

__OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A Reestruturação do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização.** Educ. Soc. Campinas, vol. 25, n.89, p.1127-1144, Set/Dez. 2007.

__PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. **Didática e Cultura: O Ensino Comprometido com o Social e a Contemporaneidade.** In: Ensinar a Ensinar: Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Tompson Learning, p. 35-50, 2001.

__PIMENTA, Selma Garrido. **Questões Sobre o Trabalho na Escola.**Série Idéias, n.16. São Paulo: FDE, 1993.

__SILVA, Maria Abadia da. **Do Projeto Político Pedagógico da Escola Pública Brasileira.**Cad Cedes, Campinas. V.23, n.61, p.283-301, dezembro de 2003.

__SOUZA, Elizeu Clementino de. **A Arte de Contar e Trocar Experiências: Reflexões Teórico-Metodológicas Sobre História de Vida em Formação.** Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n.11, p.22-39, jan./abr. 2006.

__VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Inovações e Projeto Político-Pedagógico: Uma Relação Regulatória ou Emancipatória.**Cad Cedes, Campinas, v.23, n.61, p.267-281, dez.2003

__WARSCHAUER, Cecília. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna** (org. Beatriz Scoz et al.), Petrópolis: Vozes, p. 13-23, 2004.

SITE:

__BRASIL. Parâmetros Curriculares.**Centro de Produções Técnicas.**http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-6-ao-9-ano. Visitado em 06 de maio de 2015. 23h e 49 min